
Identities trans no Tinder¹

Daniel José de Castro Silva ZACARIOTTI ²
Anelise Wesolowski MOLINA³
Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF

Resumo

Este artigo busca discutir a importância de que identidades de gênero dissidentes finalmente estejam ganhando representatividade em aplicativos de relacionamento, trazendo como foco principal o contexto destas identidades no Brasil, sendo que nosso país, se encontra em primeiro lugar no ranking de assassinatos de pessoas transexuais e transgêneras. Para entender este contexto, traremos estudos acerca de gênero, relacionamento e contextos virtuais. Tendo como foco o aplicativo Tinder e uma de suas últimas atualizações lançada em alguns países, o artigo visa um estudo de caso e uma revisão bibliográfica sobre a usabilidade e a importância de que iniciativas como esta cheguem a países com este alto índice de violência. Esperamos que com o presente artigo possamos alertar sobre a violência transfóbica registrados e divulgar a importância de representatividade como forma de conscientização.

Palavras-chave: Gênero; Transexualidade; Transgeneridade; Tinder.

1- Contextualização

Nas últimas décadas, em especial nos últimos anos, gênero tem sido um assunto amplamente discutido em meios acadêmicos e também na vida cotidiana. Com a popularização, quase que absoluta, da internet e das redes sociais, se tornou mais rápido e fácil o debate acerca de gênero e sexualidade. Vemos que com esta maior abertura de discussão e pensamentos mais pessoas puderam se expressar e se afirmar a partir de suas representações.

Neste artigo pretendemos refletir sobre a relação entre gênero e aplicativos de sexo e relacionamento, com foco nos transexuais e transgêneros e na rede social Tinder. Faremos uma breve transcrição de alguns conceitos de gênero que nos parecem relevantes, assim como de transgeneridade, transexualidade, redes sociais e relacionamentos, para, por fim, desenvolvermos um pensamento próprio e pertinente no que se refere ao tema central do presente trabalho.

Começaremos por alguns conceitos de gênero, este dentre todos os conceitos que discorreremos aqui é o que mais vem sendo discutido e questionado na contemporaneidade. Trabalharemos com o pensamento de três autoras no assunto;

¹ Artigo apresentado no IJ 5- Comunicação Multimídia do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-oeste, realizado de 12 a 14 de junho de 2017.

² Graduando do 6º. semestre do Curso de Comunicação Social da UCB. E-mail: danielzacariotti@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social da UCB, E-mail: anelise.molina@gmail.com

Judith Butler, Iris Marion Young e Joan Scott, colocando em perspectiva seus apontamentos para a formação de um conceito de gênero que seja apropriado para as reflexões a serem feitas aqui.

Judith Butler em seu livro “Problemas de Gênero” traz questionamentos acerca do que seria o mesmo. Como este gênero é construído? Até que ponto a cultura influencia na construção desse gênero? Estas são algumas perguntas que ela traz logo no início do capítulo introdutório. Butler faz um questionamento a respeito das afirmações de Simone de Beauvoir sobre o gênero como algo construído, questionando a variabilidade do gênero, afinal, a mesma se propõe a pensar a relação entre gênero como algo construído ou escolhido.

Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino. (BUTLER, 2003, p.26)

Butler questiona a passividade que o indivíduo teria nessa construção de gênero imposta pela sociedade, o corpo seria apenas um receptáculo pronto para receber as informações da cultura e reproduzi-las, esta é sua maior discordância em relação a Beauvoir. Butler nos traz o gênero sendo compreendido como um significado assumido pelo corpo, ela nos diz que para que este significado exista ele tem que ter um oposto. A partir desta visão de significado assumido pelo corpo temos a relação entre gênero e performance, sendo a performance o modo de expressar algo interior ao indivíduo.

Para conceituarmos melhor performance traremos um pensamento dos estudos da performance como mote artístico. Jorge Glusberg (2005) nos traz em seu livro “A Arte da Performance” a performance como um meio de representação de sentimentos e vivências intrínsecas do performer, sendo que esta, quebra com estereótipos pré-concebidos e traz criações verdadeiras. Glusberg ainda nos traz a forte relação entre performance e o corpo como meio, esta relação é facilmente trazida ao contexto de gênero, afinal, temos o corpo como o local onde o gênero estaria mais propriamente inserido e também o local que seria mais afetado pelas questões de gênero – afetado no sentido de absorção e quebra ou reprodução de padrões estabelecidos.

Em síntese, a performance procura transformar o corpo em um signo, em um veículo significante. Essa unidade de trabalho se apresenta numa variedade de sentidos (no sentido perceptivo do termo): visual, olfático, tátil, auditivo etc. (GLUSBERG, 2005, p. 76)

Iris Marion Young traz algumas perspectivas para sua visão de gênero em seu

texto ‘O gênero como serialidade’. A primeira é a questão dos gêneros múltiplos. Partindo de conceitos de Elisabeth Spelman, Young nos mostra o conceito de gêneros múltiplos segundo o qual os indivíduos são definidos dentro da sociedade por uma série de elementos como gênero, raça, classe, idade, e que precisaríamos levar em conta todos estes fatores.

Ao tomar esta série de fatores para o encaixe dos indivíduos em grupos criariam-se gêneros múltiplos, como por exemplo “mulheres brancas de classe média” ou “mulheres afro-americanas de classe média” entre outros. A particularidade e importância deste conceito para o presente artigo é a de que cada indivíduo teria então uma maneira de usufruir, de maneira positiva ou não, do gênero, já que sua classificação iria muito além de uma apenas biológica.

Este conceito de gêneros múltiplos é particularmente interessante como forma de descrever as diferenciações e contradições na experiência social de gênero. A ideia de gêneros múltiplos sublinha o fato de que nem todos os homens são igualmente privilegiados pelo gênero. (YOUNG, 2004, p.120)

Sendo assim, dentro de um determinado grupo tido como socialmente privilegiados, os homens, poderiam haver distinções e discriminações, esta visão é de extrema importância quando pensamos no caso dos transhomens. Young também nos traz, a partir de sua análise de Spelman, que as categorias de identificação seriam construções sociais e não apenas elementos naturais do ser humano. Isto é base para a definição de gênero que será tomada no artigo.

Young também recorre ao conceito de serialidade de Sartre e aplica em sua visão de gênero. Serialidade, como vista em Sartre (2002), vem a partir da distinção entre série e grupo, a série descreve um coletivo de indivíduos que se relaciona, mesmo que minimamente, uns com os outros. Sendo assim, o conceito de serialidade aplicado ao gênero vem em contraponto ao de gêneros múltiplos, mostrando que não necessariamente teríamos que dividir os indivíduos em dezenas de gêneros para que todos possuíssem uma categoria exata, mas que, eles podem fazer parte de um coletivo momentaneamente, por um interesse em comum, e depois este coletivo não mais existir.

Joan Scott em seu texto “Gênero: uma categoria útil para análise histórica” a mesma faz uma análise do emprego da palavra gênero em diversos contextos, passando pela época em que estudos de gênero significavam estudos da mulher, o gênero utilizado nos estudos feministas -passando por diversas particularidades destes estudos-, o gênero aplicado ao marxismo, a psicanálise, dentre outros assuntos. No texto também

é abordada a questão do gênero dentro da política através dos anos, com foco em como a participação das mulheres foi, e ainda é de certo modo, reduzida em relação a dos homens. Este texto é particularmente interessante por sua característica histórica de analítica, mostrando que gênero sempre esteve presente, mesmo que possuindo diversos significados.

Scott coloca em questão as afirmações que tomam os sexos como sempre dicotômicos, dizendo que a relação binária entre feminino-masculino não é a única possível. Scott cita Denise Riley (1985) quanto a insuportável aparência de eternidade da polaridade sexual. Ver o gênero de um ponto não binário e sim fluido e aberto. Esta visão para além do binarismo será de fundamental relevância para a construção deste artigo.

Scott nos traz o gênero como "meio de falar de sistemas de relações sociais ou entre sexos". Esta definição de gênero, como nos é mostrado no texto, veio a surgir apenas no fim do século XX, criando um espaço e um campo de pensamento mais organizado. Mais à frente em seu texto, vemos uma explicação do que seria gênero, passando por duas subdivisões principais - o gênero como elemento que constrói relações sociais a partir das diferenças entre os sexos e o gênero como forma de significar as relações de poder.

Precisamos rejeitar o caráter fixo e permanente da oposição binária, precisamos de uma historicização e de uma desconstrução autêntica dos termos da diferença sexual. Temos que ficar mais atentas às distinções entre nosso vocabulário de análise e o material que queremos analisar (SCOTT, 1989, p.18)

Partindo destas três visões e aplicações do que seria gênero, definiremos o mesmo para efeito do presente artigo como o conjunto de construções/padrões sociais que, aliado a pensamentos e características pré-concebidas do ser, delimitam o seu modo de performance perante a sociedade. Quando definimos o gênero aliado ao conceito de performance o tomamos como uma manifestação de um sentimento, pensamento e vontade interiores do indivíduo, sendo estes influenciadas por seu meio. Tomando também o gênero como algo não exclusivamente binário e sim um fator que pode, ou não, passar pelo masculino e/ou feminino e se sobrepor a estes.

A partir desta definição de gênero entraremos na questão da transexualidade e transgeneridade propriamente ditas, passando por uma breve contextualização.

Definiremos a transgeneridade como um fator evidenciado por indivíduos dissidentes dos padrões de gênero que lhe foram impostos ao nascer (feminino/masculino/neutro). Já a transexualidade se trataria de indivíduos que, diferentemente da transgeneridade, realizam mudanças em seu corpo relacionadas a seu sexo anatômico (macho/fêmea).

Para definirmos o que tomaremos como redes sociais, traremos Raquel Recuero. A mesma em seu livro “Redes Sociais na Internet” traz diversas questões relacionadas ao conceito de redes sociais, como as definições de atores e conexões e algumas outras que não se aplicam ao estudo do presente artigo. Nos ateremos a sua definição, a partir de outros autores, do que seriam sites redes sociais.

Sites de redes sociais foram definidos por Boyd & Ellison (2007) como aqueles sistemas que permitem i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator. (RECUERO, 2009, p.102)

Apesar de Recuero descrever como sites de redes sociais, esta definição pode facilmente ser empregada para o estudo de aplicativos que tenham a função similar a redes sociais – afinal, o Tinder ainda está em fase de implementação de sua versão para web. Sendo assim, tomaremos redes sociais como sites, aplicativos ou plataformas que, a partir da criação de um perfil – descritivo e pessoal – permitem aos usuários interagir e trocar experiências, sejam estas informativas, de trabalho, de relacionamento ou até mesmo pelo entretenimento.

Por fim, definiremos relacionamento. Tomaremos neste artigo relacionamento como qualquer interação afetiva ou de intimidade, sendo esta de amizade ou amorosa, entre duas ou mais pessoas, tendo como foco o relacionamento partindo de um contexto virtual, visto que, trabalharemos com um objeto de pesquisa de cunho virtual. Também traremos como foco o relacionamento entre pessoas com gêneros considerados dissidentes.

Para isto, trazemos um estudo recente acerca do como as pessoas tem se conhecido nesta era pós internet. O estudo de Michael Rosenfeld e Reuben Thomas “Searching for a Mate: The Rise of the Internet as a Social Intermediary” publicado no ano de 2012 faz uma análise do aumento das relações através da internet nos últimos anos. Trazem também uma passagem sobre o modo de conexão pré e pós internet, mais especificamente nos Estados Unidos da América. Um ponto extremamente interessante deste estudo é que o mesmo vê como são estas conexões em relação a pessoas homossexuais e heterossexuais, como estas se diferenciam e porque.

Este fator de relevância de encontros via internet é de suma importância para chegarmos a justificativa do porque estudar a representatividade trans nestes meios, afinal, como mostrado no artigo, atualmente as pessoas mais comumente encontram parceiros em meios digitais então, porque não tornar este ambiente o mais igualitário possível.

Conhecer online não apenas se tornou a maneira predominante que casais do mesmo sexo se conhecem nos EUA, mas conhecer online agora é dramaticamente mais comum entre casais do mesmo sexo do que qualquer maneira de conhecer já foi, para heterossexuais ou casais do mesmo sexo, no passado (ROSENFELD e THOMAS, 2012, P.18)⁴

Após entendermos o que será tratado como gênero, transexualidade, transgeneridade, rede social e relacionamento neste artigo podemos começar a discutir a relevância e necessidade de se estudar estes elementos e suas conexões no Brasil. O Brasil está atualmente em primeiro lugar na lista de países com a maior ocorrência de mortes de pessoas transexuais, de acordo com a divulgação feita pela organização não governamental Transgender Europe.

Podemos observar na pesquisa que o Brasil (802 mortes) não só está em primeiro lugar no número de assassinatos de pessoas trans, mas que, está alarmantemente a frente do país com o segundo maior número de mortes, o México (229 mortes), um total de cerca de três vezes e meio a mais. Sendo assim, o presente artigo vem discutir a importância de que iniciativas que promovam uma representação de gênero mais igualitária cheguem a países como o Brasil.

2- Objeto

O objeto de pesquisa deste artigo é o aplicativo com caráter de uma rede social de relacionamento Tinder. Esta rede social/aplicativo foi criada em 2012, em Los Angeles nos Estados Unidos da América, tendo como sua principal usabilidade a localização de pessoas para encontros românticos partindo de interesses em comum e proximidade. Em 2014, de acordo com seus fundadores, o aplicativo atingiu um total de 100 milhões de usuários em todo o mundo, sendo 10 milhões de usuários residentes no Brasil.

Seu modo de uso é relativamente simples, os usuários veem as fotos, características básicas - dentre estas o gênero - e interesses dos demais usuários, caso

⁴ “Meeting online has not only become the predominant way that same-sex couples in the U.S. meet, but meeting online is now dramatically more common among same-sex couples than any way of meeting has ever been for heterosexual or same-sex couples in the past” (ROSENFELD e THOMAS, 2012, P.18)

estejam interessados eles arrastam o perfil do outro usuário para a direita, caso contrário, eles arrastam o perfil para a esquerda. Quando dois usuários se interessam um pelo outro ocorre o chamado *match*, a partir deste os usuários podem trocar mensagens.

Atualmente a faixa etária mínima para a utilização do aplicativo é de dezoito anos. Até junho de 2016 a faixa era de treze anos, visto que, os aplicativos que os usuários que tivessem idade inferior a dezoito anos poderiam ver apenas usuários com idade também inferior. O Tinder também possui uma versão *select*, que é exclusiva para pessoas famosas, ricas ou socialmente influentes.

Em novembro de 2016 o Tinder anunciou uma atualização nas configurações de seu aplicativo, que permite que usuários possam escolher dentre trinta e sete gêneros e, além dos trinta e sete, possam também personalizar o gênero que aparecerá em seu perfil. A *hashtag* utilizada no lançamento foi *#alltypesallswipes*⁵. A atualização, porém, só foi liberada em três locais, Estados Unidos da América, Canadá e Reino Unido.



(Fonte: Tinder)⁶

Outro serviço deste aplicativo é o Tinder Social, serviço que permite que um grupo de usuários de *match* com outro grupo de usuários. A última atualização lançada pela rede social foi sua expansão para uma versão *web* de seus serviços e não apenas a conhecida versão *mobile*. Com esta atualização o serviço poderá ser utilizado também em computadores, gerando assim uma maior participação de seus consumidores.

O Tinder possui, de acordo com suas informações divulgadas no blog da empresa, um total de mais de dez bilhões de combinações totais, vinte e seis milhões de combinações por dia, cerca de um bilhão e meio de deslizadas por dia e está presente em cento e noventa e seis países. Sendo assim, este aplicativo pode ser considerado uma grande rede social mundial e um dos maiores meios de relacionamento contemporâneo.

⁵ #todosostipostodasaspassadas

⁶ Disponível em: <http://blog.gotinder.com/genders/>. Acesso em: 01/04/2017

O foco no presente artigo se dará na atualização das opções de gênero do aplicativo. Entendo sua relevância para a melhor inclusão e aceitação de pessoas transexuais e transgêneras nestes aplicativos de sexo e relacionamento.

3- Metodologia

O presente artigo, partindo da atualização liberada pelo aplicativo Tinder que permite que seus usuários possam escolher dentre trinta e sete gêneros, além de poderem personalizar se acharem necessário, fará um estudo hipotético de como esta atualização, e outras do mesmo viés, podem ajudar a diminuir os índices de discriminação e morte de pessoas transexuais e transgêneras, partindo do pressuposto de que estes meios de comunicação virtual tem um alto poder de formar opiniões em seus usuários. Faremos uma análise da relevância e necessidade de iniciativas como estas para a prevenção de atos de violência e preconceito contra gêneros dissidentes, considerando a representatividade como forma de proteção e conscientização.

Trabalharemos com a Netnografia, método de pesquisa, relacionado a etnografia, que faz uso das comunicações através de computador, utilizando dos dados dos mesmos para chegar a representações etnográficas de um fenômeno cultural na Internet. Por se tratar de uma atualização recente do aplicativo Tinder ainda não existirem dados divulgados sobre seu impacto e relevância, por isso, mesclaremos a Netnografia com o Método Hipotético-Dedutivo. Sendo este, o método científico que viabiliza estudos partindo de hipóteses e teste de respostas.

Também trabalharemos com a pesquisa e análise de material bibliográfico, partindo de textos já publicados sobre assuntos correlatos aos importantes a este estudo. Visando entender a contextualização e usabilidade de determinados termos e conceitos abordados durante este texto. Por fim, traremos a análise de dados liberados pela ONG Transgender Europe.

4- Referencial teórico

Após entendermos brevemente o objeto de pesquisa do presente artigo e a metodologia que será utilizada para o estudo deste objeto faremos uma contextualização, visando o entendimento de sua relevância para o estudo, dos autores e dos textos trazidos aqui.

Quando definimos o conceito de gênero que seria utilizado neste artigo passamos por três autoras, Judith Butler, Iris Marion Young e Joan Scott, iniciaremos esta contextualização com as citadas três.

Judith Butler nasceu nos Estados Unidos da América em 1956, é uma das principais referências quando estudamos questões como o feminismo, a teoria queer ou questões políticas e sociais da filosofia. Butler é trazida neste artigo por sua expressiva obra relacionada a questões de sociais e de gênero, seus livros são um marco nestes campos de pesquisa.

No livro que é utilizado no presente artigo, “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade”, a mesma nos traz questionamentos quanto a vigente ocorrência de questões como sexo e gênero em nossa sociedade. Butler questiona a visão de que o desejo seria prioritariamente heterossexual, pondo em questão assim, o binarismo tão comumente tomado como regra em nossa sociedade, ela diz que o gênero iria muito além de uma relação entre feminino e masculino, passando pela visão de gênero performativo.

Iris Marion Young nasceu nos Estados Unidos da América em 1949, foi uma cientista política e filósofa. Seus estudos passavam por temas como teoria política feminista, gênero, raça e questões de justiça e democracia. Seu texto “O Gênero como Serialidade: pensar as mulheres como um coletivo social” traz pensamentos extremamente interessantes para o estudo do presente artigo, afinal, ela traz conceitos como o de gêneros múltiplos que é essencial para pensarmos a vivencia social de gênero para pessoas transexuais e transgêneras. Ao falarmos de Serialidade trazemos brevemente Jean-Paul Sartre, filósofo, escritor e crítico francês, trazemos este autor por sua relevância quando estamos estudando grupos ou séries.

Joan Scott é estadunidense, seu trabalho principal é como historiadora. Sua publicação mais relevante, e também a que o presente artigo utiliza, é o artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. Neste artigo a mesma faz uma análise e uma passagem pela nomenclatura e usabilidade dos estudos de gênero em diversos contextos econômicos, políticos e sociais. Seu artigo é de extrema relevância para entendermos onde e como o gênero tem sido presente na sociedade, e como o mesmo foi por muito tempo deixado de lado.

Quando passamos pelo conceito de gênero como performatividade foi apresentado o autor Jorge Glusberg e seus pensamentos acerca de performance.

Glusberg nasceu na Argentina e foi por muito tempo diretor do Museo Nacional de Bellas Artes de Buenos Aires. Seus estudos passam pelos campos da arquitetura, design, arte e performance. Seu texto utilizado neste artigo “A Arte da Performance” traz noções e exemplos essenciais para os estudos da performance, como por exemplo a relação entre corpo e arte, o carácter construtivo e de processo que a performance tem e as questões entre corpo e significado.

No fim da contextualização trazemos Raquel Recuero para os entendimentos de redes sociais. Recuero é uma jornalista, professora e pesquisadora brasileira, tendo como principais áreas de pesquisa as redes sociais, os métodos de pesquisa para mídia social e o discurso através do computador. Em seu livro “Redes Sociais na Internet” vemos uma análise do surgimento das redes sociais na internet e como funcionam suas estruturas e modos de troca de informações, percebendo estas redes como local de formação de conteúdo e pensamento.

Por fim, ao falarmos dos modos e dinâmicas de relacionamentos atuais, aplicando estes ao contexto virtual, trazemos Michael J. Rosenfeld e Reuben J. Thomas. Ambos são pesquisadores da área da psicologia, mais especificamente das relações sociais através da internet. Rosenfeld estuda mais propriamente o *matching* e os encontros e o efeito da internet nestas relações sociais, já Thomas estuda questões intrapessoais relacionadas a internet e como esta influenciam os diversos fenômenos sociais.

5- Análise do objeto

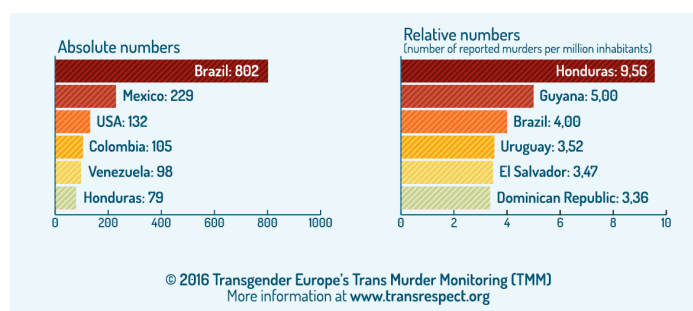
Após entendermos melhor o que será trabalhado neste artigo, podemos desenvolver e relacionar de forma mais efetiva as informações e suas decorrências. Discutiremos a importância de iniciativas como a do aplicativo Tinder de criar novas opções de gênero, visando a quebra do preconceito e maior uma aceitação de pessoas transexuais e transgêneras em países com uma alta taxa de homicídios relacionada às pessoas destes grupos.

Ao lançar a campanha encabeçada pela *hashtag* #alltypesallswipes, o Tinder disponibilizou um vídeo que traz pessoas que se identificam com diversos gêneros e que têm diversas ocupações profissionais falando sobre a importância desta atualização. Gostaríamos de ressaltar a fala de Andrea James, ativista e produtora de filmes: “Tinder tem sido ótimo para muitas pessoas trans, mas algumas pessoas trans têm tido

problemas com usuários que utilizam a plataforma de uma maneira errada, denunciando pessoas só por serem trans”⁷ Esta fala nos mostra que a sociedade muitas vezes julga e discrimina pessoas trans simplesmente por existirem, o que pode acontecer por falta de informação e/ou conscientização coletiva, além, claro, por puro preconceito.

Outra fala que será ressaltada é a de Munroe Bergdorf, DJ e atriz: “Eu tinha que explicar muita coisa e então eu fiquei cansada disso e parei”⁸ a mesma diz isto sobre ter que explicar muita coisa entendemos por ter que explicar qual seria seu gênero e demais especificações deste. Partindo desta necessidade da comunidade trans de não ter que explicar seu gênero toda hora e não ser bloqueada do aplicativo simplesmente por ser trans, o Tinder criou a atualização que permite a escolha ou personalização de seu gênero como preferir; porém, a atualização foi lançada apenas nos Estados Unidos da América, no Canadá e no Reino Unido.

Analisando a situação destes três locais no ranking do número de mortes contabilizadas entre janeiro de 2008 e dezembro de 2015, disponibilizado pela ONG Transgender Europe, teríamos o seguinte panorama: Estados Unidos da América em terceiro lugar (132 mortes), Canadá em trigésimo lugar (5 mortes), Reino Unido em vigésimo quarto lugar (8 mortes). Podemos perceber que, com exceção dos Estados Unidos da América, estes países não possuem uma situação tão alarmante quanto alguns outros. Traremos um recorte dessa situação para o Brasil, que está em primeiro lugar no número de mortes (802 mortes) e em terceiro lugar no número de morte por milhões de habitantes (4,00).



(Fonte: Transgender Europe)⁹

A América do Sul é o recorte com o maior número de mortes contabilizadas (1573 mortes), sendo mais da metade destas no Brasil, mas porque será que esta

⁷ Fala original: Tinder has been great for a lot of trans people, but for some trans people they had issues with users who were misusing the system to report people just for being trans.

⁸ Fala original: I just had to explain so much and I just got sick of it, and I just stopped.

⁹ Disponível em: <http://transrespect.org/en/tdov-2016-tmm-update/>. Acesso 31/03/2017

situação é tão agravante neste país? A resposta está na comum marginalização de pessoas trans. Estas pessoas, na maioria dos casos, não possuem uma estrutura básica ou vem de realidades de baixa renda mas, não só por possuírem baixas rendas, estas pessoas muitas vezes não conseguem trabalhos considerados de alta instrução por um pré-conceito da sociedade, acabando em trabalhos comumente estereotipados.

O estudo liberado pela ONG também nos traz qual era a profissão destas pessoas trans que morreram, temos que (tirando a categoria não reportados- 1280) o maior número foi de profissionais do sexo (483), cabelereirxs (74) e faxineirxs (57), isto nos comprova o dito anterior sobre situações de trabalho. Outro fator relevante é o de que a expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil é de 35 anos, menos da metade da média nacional.

Um relatório liberado em 2016 pelo Ministério das mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, mostra que das quase 10 mil denúncias realizadas pelo Disque Denúncias, 51,68% foram de casos contra travestis, 36,77% contra gays e 9,78% contra lésbicas. Isto nos mostra que no Brasil um total de 98,23% das denúncias foram realizadas por atos contra a representação de gênero ou sexual de alguém, um quadro extremamente alarmante e condizente com a posição do país no ranking de mortes.

A partir destes dados apresentados, faremos um estudo hipotético de como estas iniciativas de representações de gênero podem colaborar para uma maior inclusão de pessoas trans nos meios sociais e de relacionamento. De acordo com um relatório da União Internacional de Telecomunicações, divulgado pela Organização das Nações Unidas, no fim de 2016 o número de assinaturas móveis será quase semelhante ao de pessoas no mundo. Isto nos mostra o quanto uma simples ferramenta como um aplicativo pode, e deve, ajudar a formar um pensamento social igualitário devido a sua ampla capacidade de acessar as massas.

No início do ano de 2016, o Tinder divulgou que havia batido o recorde de usuários ativos e de downloads, os números exatos não foram revelados, porém, a empresa ainda afirmou que a cidade com maior número de combinações entre usuários online do mundo é o Rio de Janeiro. Se o Brasil já segue a frente com o número de *matches*, sem estas diversas opções de gênero disponibilizadas no aplicativo, o quanto poderia crescer este número com esta atualização chegando no país? De maneira clara, muito.

Tomando os fatos de que o Brasil é o país com maior número de mortes a pessoas transexuais e transgêneras, que é também o país com o maior número de matches do Tinder e que as redes sociais podem, e devem, ser um espaço de representatividade e auto-representação, porque esta atualização do Tinder ainda não está disponível neste país, mesmo após cinco meses de seu lançamento? A resposta é clara mas vedada, o Brasil ainda possui raízes coronelistas que tornam seu modo de gerir extremamente misógino e homo-bi-transfóbico.

O país se vende como um país extremamente igualitário e festivo, onde todos teriam seus direitos bem representados e sua liberdade concedida, porém, por trás de toda esta falta igualdade existe uma construção política e social oriunda de raízes coronelistas – que colocavam as mulheres e outras minorias, na época era quase impossível se falar especificamente em pessoas trans, em uma situação quase que de inexistência-. É imprescindível trazer esta questão do coronelismo, e suas decorrências nas questões de gênero, para um estudo sobre mídias sociais e representações, afinal, as mídias sociais, e as relações nas mesmas, não passam de frutos dos constructos sociais sendo reproduzidos em outro meio que não o pessoal físico, o meio virtual.

Sendo assim, trazemos que um dos principais motivos para a não chegada de atualizações como esta neste tipo de país seria o alto nível de preconceito presente no mesmo. Porém, acreditamos que a solução não deveria ser a não atualização destes aplicativos e sim o enfrentamento a estas relações sociais preconceituosas, para que assim, aconteça uma “atualização” no modo de pensar e agir do país. Afinal, as redes e meios sociais tem um importante papel na hora da formação de opinião e ações de seus usuários.

Proporíamos então que, a rede social Tinder, mais especificamente, deveria acelerar ao máximo a disponibilização desta atualização, que permite a escolha de seu referido gênero, em países com um alto índice de preconceito e mortes a pessoas trans, - como o Brasil- utilizando de seu alto poder de acesso e de visibilidade dentro dos meios sociais. Pois assim, poderia haver uma maior conscientização por meio da sociedade e conseqüentemente uma maior representatividade e aceitação destas pessoas transexuais e transgêneras.

6- Considerações finais

Após entendermos brevemente a situação das pessoas transexuais e transgêneras no Brasil e a importância de aplicativos para a conscientização da sociedade desta

situação, vemos que é imprescindível que estes meios de troca e formação de pensamentos tenham um espaço igualitário e sem preconceitos. Afinal, quando tomamos os meios de troca de informação como agentes de formação de opiniões vemos que estes podem ajudar a conscientizar e a mudar, mesmo que em um ritmo lento e gradual, a situação de preconceito em países como o Brasil.

Assim como o Facebook já disponibilizou outras opções de gênero no Brasil, o Tinder e demais redes sociais devem disponibilizar, mostrando que o meio virtual é um meio em que o indivíduo pode estar livre para se representar, e se identificar como bem entender. Batendo de frente com sociedades ou governos que reproduzam pensamentos misóginos ou homo-bi-transfóbicos, mesmo que isso acarrete uma certa perda –em termos de número de usuários- de um determinado público mas um ganho de outro.

Concluimos esta primeira aproximação em relação ao tema e propomos uma continuação dos estudos deste, partindo futuramente dos dados que serão disponibilizados pelo aplicativo Tinder. Quando os referidos dados forem publicados, será possível aferirmos mais quanto a importância destas atualizações e iniciativas digitais. Tanto a primeira parte quanto a continuidade deste estudo serão peças-chave para a construção de um futuro trabalho de conclusão de curso, que versará sobre as formas de desconstrução da binaridade nos meios comunicacionais brasileiros.

Por fim, ressaltamos que todos, em especial os meios detentores dos poderes de comunicação ou troca de informações, devem estar cientes e ajudando a melhorar a situação de transexuais ou transgêneros, além de outras minorias é claro, já que estes são pessoas, como todas as outras, que merecem ter seus direitos, representações e liberdades preservadas.

7- Referências bibliográficas

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GLUSBERG, Jorge. **A Arte da Performance**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Editora Meridional, 2009.

ROSENFELD, Michael J.; THOMAS, Reuben J.. **Searching for a Mate: The Rise of the Internet as a Social Intermediary**. American Sociological Review, Nova York, 2012.

SALES, Teresa. **Trama das desigualdades, drama da pobreza no Brasil**. Campinas: Unicamp, 1993.

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da razão dialética: precedido por questões de método**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Nova York: Columbia University Press, 1989.

SILVA, Suelen de Aguiar. **Desvelando a Netnografia: um guia teórico e prático**. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442015000200339>. Acesso em: 15 abr. 2017.

YOUNG, Iris Marion. **O Gênero como Serialidade: pensar as mulheres como um coletivo social**. Revista Ex Aequo – Associação Portuguesa de Estudos das Mulheres, nº 8. Porto: Celta Editora, 2004.

Apresentamos a opção Mais Gêneros no Tinder. Disponível em: <http://blog.gotinder.com/genders/>. Acesso 02/04/2017.

A violência contra transexuais no Brasil. Disponível em: <http://www.innovarepesquisa.com.br/blog/violencia-contratransexuais-brasil/>. Acesso 04/04/2017.

Por que o Brasil é o país que mais mata transexuais? Disponível em: <http://tvbrasil.ebc.com.br/caminhosdareportagem/episodio/por-que-o-brasil-e-o-pais-que-mais-mata-transexuais>. Acesso 13/04/2017.

O Método Hipotético-Dedutivo. Disponível em: http://www2.anhemi.br/html/ead01/metodologia_pesq_cientifica_80/lu04/lo4/index.htm. Acesso 15/04/2017

Tinder registra recorde no número de usuários ativos e downloads no Brasil. Disponível em: <https://canaltech.com.br/noticia/apps/tinder-registra-recorde-no-numero-de-usuarios-ativos-e-downloads-no-brasil-55899/>. Acesso 15/04/2017.

Trans Murder Monitoring. Disponível em: <http://transrespect.org/en/research/trans-murder-monitoring/>. Acesso 02/04/2017.

UIT: 3,7 bilhões de pessoas ainda não têm acesso à Internet no mundo. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/uit-37-bilhoes-de-pessoas-ainda-nao-tem-acesso-a-internet-no-mundo/>. Acesso 13/04/2017.